

simpósio itinerante

CORPO, PRESENÇA ESCRITURA E PERFORMANCE

24 e 25
setembro 2025

Práticas artísticas e políticas de cultura e memória na América Latina

O **II Simpósio Corpo, Presença, Escritura e Performance** traz estes conceitos singulares e interrelacionados como mote propulsor para encontros e debates que acontecerão nos dias 24 e 25 de setembro de 2025, no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Entendemos o corpo como lugar de memória e como território político, através do qual diversas culturas guardam e transmitem saberes performados em danças, gestos, narrativas, poemas e cantares que configuram a memória coletiva e os sentidos de identidade de uma comunidade. É o corpo que carrega as marcas de variadas formas da violência de Estado, do preconceito e/ou da discriminação social, bem como, é ele o maior impactado com as diferentes alterações e catástrofes pelas quais sofre a Terra. E é o corpo também que se faz resistente, em sua expressão artística e política individual ou coletiva, para subverter as históricas tentativas de silenciamento e de opressão sofridas.

Frente à polissemia da noção de performance, Paul Zumthor diz que “encontraremos sempre um elemento irredutível: a ideia da presença de um corpo” (Zumthor, Performance, recepção, leitura, 2014, p. 41). Ao considerar a performance, o historiador e crítico da literatura traz uma abordagem que permite deslocar o olhar das categorias de análise do texto escrito e das figuras de autor solitário e leitor silencioso para pensar a presença corporal do leitor e o “papel do corpo na leitura e na percepção do literário” (Idem, Ibidem, p. 27). Ao refletir sobre a “operação do ato de ler” (Idem, Ibidem, p. 28), Zumthor introduz o corpo-leitor como um elemento fundamental que, ao colocar o texto em performance, o transforma e lhe confere poeticidade: “a forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda” (Idem, Ibidem, p. 36).

Para além do ato de leitura, corpo, performance e poesia se relacionam pela noção de “poesia vocal”, que abrange poéticas de culturas predominantemente orais, onde o registro escrito não é necessário, ou, funciona como suporte secundário à transmissão oral. Diana Taylor aponta, por exemplo, que os astecas, maias e incas praticavam a escrita antes da invasão de seus territórios, em forma de pictogramas, hieróglifos ou sistemas de nós (quipus), mas ela [a escrita] “nunca substituiu a expressão vocal performatizada. A escrita, apesar de altamente valorizada, era originalmente um lembrete para a performance, um auxílio mnemônico.” (Taylor, O arquivo e o repertório, 2013, p. 46)

Modernamente, a poesia vocal foi amplamente explorada em experimentações sonoras vanguardistas desde o início do século XX e hoje se manifesta na poesia falada em saraus e competições de slam cada vez mais frequentes em contextos urbanos. As experiências poéticas ligadas à oralidade e vocalidade remetem à presença, a práticas de convivência. Como aponta Ileana Diéguez Caballero: “A oralidade é um fenômeno imerso nas relações de convívio, pois a transmissão ao vivo e in situ dos textos implica, no mínimo, a presença de outros ou de um grupo de ouvintes, estimulando vínculos sociais.” (Diéguez Caballero, Cenários liminares, 2016, p. 40)

Refletir sobre oralidades não poéticas, por sua vez, nos permite incluir repertórios não registrados primeiramente por escrito, como testemunhos e narrativas orais que, em sua repetição, difundem a memória de povos, grupos étnicos e sociais, tanto para fortalecer laços culturais e identitários quanto para denunciar violências e injustiças. Coletivos como as Mães da Praça de Maio (Argentina) e a ANFASEP (Asociación Nacional de Familiares de Secuestrados, Detenidos y Desaparecidos del Perú) exemplificam a articulação entre testemunho, performance e resistência política.

Com essa fundamentação em sua proposta geral, o II Simpósio Corpo, Presença, Escritura e Performance destaca o tema “práticas artísticas e políticas de cultura e memória na América Latina”. Contra políticas de esquecimento amplamente implementadas desde os processos coloniais no continente até as violentas ditaduras militares do século XX, artistas, escritores/as, cineastas contemporâneos/as e também os coletivos e movimentos sociais tem se dedicado intensamente à memória, que pode ser entendida como uma dimensão da cultura e, ambas, como direitos fundamentais: direito a produzir cultura, direito a preservar e transmitir memória. Como afirma Márcio Seligmann-Silva, “temos que pensar na prática da memória como uma prática política que pode ajudar a construir uma sociedade mais igualitária e justa” (A virada testemunhal e decolonial do saber histórico, 2022, p. 16). Nesse sentido, o simpósio tem o intuito de motivar reflexões sobre criações literárias, poéticas, teatrais, performáticas, e aquelas associadas ao ativismo social, que operem sob uma ética da memória, escovando a história a contrapelo e destacando vozes silenciadas; bem como sobre trabalhos de tradução que visem renovar os arquivos da história literária; e sobre projetos pedagógicos e culturais que valorizem repertórios de povos originários e de grupos sociais minorizados e que potencializem vínculos comunitários e intervenções políticas. As inscrições para o evento estão abertas para participação com apresentação de comunicação e/ou como ouvinte.

Para se inscrever, acesse:

<https://nelool.ufsc.br/simposio-itinerante-cpep/inscricoes/>

COORDENAÇÃO



APOIO

